

Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado da Bahia (1998), com especialização nas áreas de Metodologia do Ensino Superior, Marketing e Propaganda e Saúde Coletiva. Mestrando em Administração pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Sanitarista da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia e tem experiência na administração pública e privada atuando principalmente nas seguintes áreas: educação superior, educação à distância, gestão de pequenas empresas, marketing, empreendedorismo, plano de negócio, projetos interdisciplinares, gestão em saúde pública, vigilância epidemiológica, análise de situação de saúde.

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: PRIMEIRAS REFLEXÕES

Segundo Dornelas (2014, p.2) “empreender é o ato de realizar sonhos, transformar ideias em oportunidades e agir para concretizar objetivos, gerando valor para a sociedade”. Para Dolabela (2006), “o empreendedorismo é derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor e às suas características e atuação”. Os primeiros autores que escreveram sobre empreendedorismo, tais como Cantillon (1755) e Jean-Baptiste Say (1803), associavam o empreendedorismo ao desenvolvimento econômico, desta forma, eles não estavam interessados somente em economia, mas também em criação, desenvolvimento e gerenciamento de empresas.

Sarkar (2008, p. 61) questiona se o empreendedorismo pode ser promovido e sua devolutiva é que “[...] apesar dos traços empreendedores serem mais prevalentes em alguns indivíduos do que em outros, o empreendedorismo pode ser promovido, onde os traços empreendedores podem florescer [...]”. Um ambiente propício para o ensino do empreendedorismo é essencial para a promoção de iniciativas desse gênero.

Há, portanto, que se buscar alternativas para o desenvolvimento do empreendedorismo, construindo ou fortalecendo uma cultura empreendedora, já que a cultura empreendedora pode ajudar a criar um ambiente propício de estímulo a ações empreendedoras, criando um efeito multiplicador. Assim, a cultura empreendedora pode ser estimulada pelo ecossistema empreendedor e para que isso seja possível, é necessário qualidade e quantidade de pessoas e instituições que estejam dispostas a fazer parte desse ecossistema, ou seja, faz-se necessário prover a educação empreendedora.

A educação empreendedora é influenciada por diferentes fatores e agentes econômicos, políticos, sociais e educacionais. Desenvolver um ecossistema empreendedor é possível e adequado em qualquer nação, pois esse movimento promove os negócios oriundos dos empreendedores, gerando inovação tecnológica e de processos e, portanto, desenvolvimento econômico.

Uma educação empreendedora é influenciada por fatores de mercado e ambientais, determinando a natureza da resposta empreendedora, ou seja, caso o ambiente seja extremamente empreendedor, existe uma grande chance de o empreendedorismo tornar-se uma realidade, impactando positivamente no desenvolvimento local.

Hashimoto e Grisi (2017) abordam que historicamente a qualidade da formação de educadores em empreendedorismo, no Brasil, ainda é pouco debatida. No que tange a relevância disso no ensino de empreendedorismo, identificando a capacitação profissional como fator contemplado com unanimidade para a presença da inovação. Com a grande transformação econômica e a mutação no mundo dos negócios, exige-se um profissional mais preparado, que possa assumir a posição de protagonista nas empresas. Nesse caso é preciso analisar se as universidades conseguem preparar os gestores para assumirem esse papel.

Isso exige da academia uma mudança de paradigma, pois não basta formar apenas empregados, mas sim um empreendedor. O ensino de conceitos de negócios não é suficiente para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao empreendedor e preciso mais que isso. Os indivíduos formados nas universidades são incompletos e possuem lacunas em sua formação, e elas limitam o seu desempenho visto que a capacidade técnica é garantida, porém outras habilidades não conseguem ser desenvolvidas na graduação. A grande crítica está centrada na abordagem de práticas empreendedoras, que consigam desenvolver habilidades e atitudes empreendedoras. O empreendedorismo não é nem ciência, nem arte, mas sim uma prática (DRUCKER, 2012).

A educação empreendedora se configura como experiencial, contextual e cooperativa. De forma processual deve ser integrada, interdisciplinar e transversal. No processo da formação empreendedora o indivíduo deve ser estimulado a assumir-se como referência central e protagonista da sua formação. Deve-se estimular a autonomia do ser, saber e fazer-se empreendedor. O aluno deve buscar também um auto direcionamento da aprendizagem a fim de desenvolver o conhecimento e o conceito de si (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

Existem características e elementos envolvidos na educação empreendedora. A saber: a) **educação centrada no aluno**, que envolve o auto direcionamento da aprendizagem, o desenvolvimento do conhecimento e conceito de si e a autonomia do ser, saber e fazer empreendedor; b) **natureza**, que envolve a ênfase no processo – aprender a aprender, formação integrada, interdisciplinar e transversal e aprendizagem pela ação, pela experiência, pelo contexto e pela cooperação; c) **metodologias e práticas pedagógicas**, com técnicas pedagógicas vivenciais, interativas e dinâmicas, elo entre o processo de aprendizado e mundo real; e atividades extracurriculares (universidade empreendedora); e d) **Professor como catalizador e facilitador**, com formação acadêmica aliada à prática empreendedora, perfil visionário e realizador, e objetivos do aprendizado negociados (SCHAEFER E MINELLO, 2016).

Sarkar (2014) diz que a educação empreendedora possibilita ao estudante perceber e avaliar determinada situação, assumindo uma posição de autonomia, capacitando-o a elaborar e planejar formas e estratégias de interagir com aquilo que ele passou a perceber e Barone Shane (2007) afirma que o empreendedorismo é um campo de estudo que busca entender como surgem as oportunidades para criar novos produtos e serviços, novos mercados, processos de produção, formas de organizar as tecnologias existentes ou matérias-primas e como são descobertas por pessoas específicas, que estão usando vários meios para explorá-la ou desenvolvê-las. Segundo os autores essa definição implica da necessidade de entender o empreendedorismo como um processo e como aprendizado.

Dornelas (2013) defende que a educação empreendedora propõe a ruptura de um modelo de prática educacional, que privilegia a transmissão estática e a crítica de dados e informações sem estimular reflexões ou a aplicação dos saberes na forma de ações transformadoras. Nesse contexto, o ensino do empreendedorismo possibilita a geração de novos capitais e novos mercados para a sociedade. Assim, as Instituições de Ensino Superior (IES) precisam trabalhar as questões das habilidades e conhecimentos e estimular atitudes diferenciadas. Para isso, o autor utiliza uma concepção pedagógica trazida por Jackes Delors (1998) que aborda a construção do conhecimento através dos quatro pilares da educação, aprender a conhecer, fazer, relacionar e ser. Essa análise traz um olhar integrado sobre o ensino do empreendedorismo. Para Dolabela (2006) é importante o papel reservado ao ensino do empreendedorismo, pois essa modalidade de ensino incentiva e procura desenvolver nos alunos os comportamentos e atitudes que condizem à inovação, à capacidade de transformação do mundo e à geração de riqueza.

A mentalidade empreendedora exige criatividade, o que depende, antes de tudo de uma educação que liberte. Mitzberg (2006) chama a atenção para o sentido que a educação deve compor na formação de uma mentalidade criativa. Segundo o autor a educação tem que fornecer algo que transforme, pois, as pessoas aprendem quando afastam suas descrenças e passam a aceitar ideias desafiadoras que podem remodelar o seu pensamento. Fillion (2000), reafirma a importância de que os antigos paradigmas da educação deem lugar à formação de uma mentalidade empreendedora.

As IES, ao se dispor a apostar no empreendedorismo, deve fazê-lo de forma aliada, harmonizada e transversal. O assunto não é para ser discutido apenas em uma disciplina isolada. O professor deve levar para a sala de aula o tema de forma integrada às outras disciplinas, à instituição e a comunidade. Cabe aos professores a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade empreendedora. A sala de aula, cada vez mais, tem que se transformar em laboratório do conhecimento. As IES devem criar condições para que o docente possa se desenvolver e incorporar as habilidades necessárias do complexo e disputado mundo de negócio.

A Pedagogia Empreendedora, possibilita uma resposta a necessidade de formação de uma nova geração e de novos espaços de trabalho. A sociedade desafia e propõe a nova geração, uma outra concepção de mundo, de capital e de relações interpessoais e que interfere diretamente nas decisões que deve tomar na sua vida profissional e pessoal. A IES deve estimular no aluno não apenas a ser consumidor das novas tecnologias, mas criador e implementador.

O interesse na educação empreendedora (EE) e no desenvolvimento de carreiras é pauta nos estudos de Hisrich & Peters (2009). Estes analisam o crescimento desta temática associada aos fatos que fazem os indivíduos assumirem riscos sociais, psicológicos e financeiros envolvidos no início de um novo empreendimento. A EE tem o potencial de permitir que os jovens adquiram competências e criem os seus próprios empregos. Modos mais ativos, tais como as simulações de negócios, e os reflexivos, tais como aulas teóricas, principalmente num contexto regional afetam os estudantes e as suas intenções de negócio próprio e são capazes de desenvolver habilidades e atitudes diferenciadas.

Os educadores facilitam a prática dos formandos, levando-os a obter conhecimento, a cultivar habilidades e a alterar suas atitudes para se aventurarem em negócios. As reflexões promovidas durante os cursos são consideradas essenciais para todo o processo de aprendizagem. A simulação de iniciativas empresariais reais pode resultar em intenções empresariais subjacentes. Enquanto estão na faculdade, poucos dos futuros empreendedores se dão conta de que terão o empreendedorismo como seu principal objetivo de vida. “Mesmo entre a minoria que percebe isso, relativamente poucos indivíduos iniciarão um negócio imediatamente após a graduação, e um número menor ainda se preparará para a criação de um novo empreendimento através do trabalho em um determinado cargo ou indústria” (HISRICH & PETERS, 2004, p. 37).

Em geral, entre as habilidades que precisam ser adquiridas através de seminários ou cursos estão a criatividade, o financiamento, o controle, a identificação de oportunidades, a avaliação de empreendimentos e a capacidade de negociação. Neste contexto, por meio da construção de uma ponte entre a discussão conceitual da ciência da educação e o empreendedorismo, Kyrö (2015) demarca o papel da EE como uma forma de pedagogia e sua conexão com um movimento progressivo. Como uma forma de pedagogia, a EE muda a ideia do ser humano. Traz ação e orientação, a autonomia e a interrelação entre o risco e a responsabilidade para o centro do processo de aprendizagem. Assim, em uma perspectiva educacional, o empreendedorismo pode ser visto como uma forma de pedagogia que renova os paradigmas de aprendizagem anteriores e promove novas práticas institucionais educacionais (KYRÖ, 2015).

REFERÊNCIAS

BARON, Robert a.; SHANE, Scott A. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. Tradução AllTasks. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

CANTILLON, R. **Essai sur la nature du commerce en général**, London: Fetcher Gyler. Also edited in an English version, with other material, by Henry Higgs, C.B., London: MacMillan, 1803.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e Espírito Empreendedor**: Práticas e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Empreende/LTC, 2014.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. 30. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

FILLION , Louis Jacques. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários – gerentes de pequenos negócios**. Revista de Administração. USP abr/jun 2000.

HASHIMOTO, Marcos; GRISI, Fernando Correa. A prática da formação de professores de empreendedorismo. In: Rose Mary Almeida (org). **Ensino de empreendedorismo no Brasil: panorama, tendências e melhores práticas**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017. p. 259-280.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD Dean A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KYRÖ, Paula. **A contribuição conceitual da educação para a pesquisa sobre educação para empreendedorismo, Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional**, 2015.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de estratégia: Um roteiro pela selva do planejamento estratégico**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

SARKAR, Soumodip, **Empreendedorismo e Inovação**, Lisboa: Editora Escolar, 2008.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. **Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias**. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016 .